

UM EVANGELHO SEGUNDO BORGES: REFLEXÕES SOBRE (SUPER) INTERPRETAÇÃO E METÁFORA

Sabrina Alvernaz Silva Cabral

Mestre em Estudos da Linguagem (PUC-Rio)

sabrinaalvernaz@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo discute, a partir do conto borgiano “O Evangelho segundo São Marcos”, estratégias comumente usadas para interpretar textos; para isso, retoma os conceitos de *superinterpretação* de Umberto Eco e *supracompreensão* de Jonathan Culler. Foi por meio da ficção que Jorge Luis Borges apresentou suas mais profundas inquietações pós-estruturalistas sobre linguagem e pensamento, por isso, partimos da fabulação para problematizar o figurativo, o signo, a separação da linguagem em literal e metáfora. Este trabalho vem contribuir com as reflexões acerca do sentido e de como lemos e entendemos textos.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora, Superinterpretação, Supracompreensão.

ABSTRACT

This article discusses strategies commonly used for text interpretation, having Borges's short-story "The Gospel according to Saint Mark" as a starting point. With that aim, it takes up the Overinterpretation concept by Umberto Eco and the Overstanding by Jonathan Culler. It was through fiction that Jorge Luis Borges posed his deepest post-structuralist concerns about language and thought, for this reason, we start from fable to problematize the figurative, the sign, the separation between the literal and metaphorical language. This study will contribute to the reflections on the meaning and how to read and understand texts.

KEYWORDS: Methapor, Overinterpretation, Overstanding.

Introdução

Interpretar é um imperativo social, cultural, político, identitário. Como paralisar diante de uma expectativa como “não interprete!”? A todo o instante damos sentidos a linguagens verbais, corpos, silêncios, ritmos, ações. São das diferentes leituras que muitas das vezes nascem controvérsias e conflitos que colocam em cena a discussão a respeito da linguagem, do sentido e dos atores que lendo, ouvindo, escrevendo, falando constroem suas práticas socioculturais e linguísticas.

A partir de um conto de Jorge Luis Borges, parece-nos interessante refletir sobre uma arriscada interpretação posta em ação pelos personagens Gutre no conto “O evangelho segundo São Marcos” (*O informe de Brodie*, 1970). Com isso, buscamos analisar os jogos de interpretação e procuramos respeitar os interesses borgianos quanto à linguagem.

É verdade que desde o século XX não se pôde continuar reproduzindo arcaicas práticas de leitura e crítica após o impacto provocado pelo pós-estruturalismo. Assim como, não se pôde continuar falando de “interpretação” sem se lembrar das importantes contribuições a respeito da *superinterpretação*, de Umberto Eco, ou da *supracompreensão*, de Jonathan Culler, postuladas na Conferência Tannner de 1990. Esses críticos aqui serão convocados por terem provocado deslocamentos importantes e produtivos nos estudos desse interesse.

A superinterpretação: Borges e Eco

É por encontrarmos uma “ficção pensante” nos escritos de Borges que gera em nós uma necessidade de a ela reagir. Conhecedor das artimanhas do fragmento, Borges tinha por hábito criar breves narrativas, concisas obras-primas. Seus críticos apontam que esse costume nasce de uma descrença no palavroso, nas teorias muito explicativas. O autor argentino elegia sempre o curto, o compacto para abarcar infinitos e auroras.

A coletânea de contos *O Informe de Brodie* foi publicada em 1970, década que abre uma maior consagração do escritor argentino. Em prólogo da 1ª edição, Borges expõe que nessa obra pretendeu os contos realistas com “todas as convenções do gênero”, mas nela há

duas narrativas com chave fantástica, que admitem “certas afinidades íntimas.” (BORGES, 1999, p.424). Ousamos dizer que a uma delas vamos nos ater.

Do conto “O Evangelho segundo Marcos” afirma, ainda, ser o “melhor da série” e confessa que a inspiração nasceu de um sonho de Hugo Ramírez Moroni, para a seguir propagar “a literatura não é outra coisa que um sonho dirigido”. Retornando, assim, a fé explícita por ele de que “o exercício das letras é misterioso.” (Ibid., p. 424).

Se quiséssemos nos prender ao enredo principal (ou se quiséssemos, de certa forma, reduzir uma potência que emerge do conto), diríamos da narrativa: um argentino urbano, estudante de medicina, Baltasar Espinosa, aceita o convite do primo Daniel para veraneiar em *Los Álamos*, numa estância nos pampas. Ali, durante a ausência do primo, uma chuva torrencial (que dura dias) transforma os pampas em mar, deixando, portanto, a casa ilhada e impedindo que Espinosa regresse a Buenos Aires. Uma aproximação lenta e gradual ocorre entre o hóspede e os criados analfabetos, os Gutre (o pai, o filho e a filha). O desfecho do conto desestabiliza, porque esses mesmos criados, que serviam Espinosa com devoção, crucificam-no por entenderem que ele era um Cristo. Entretanto, o conto assim exposto perde força literária e a experiência fabulada em Borges – lembremos sua genialidade narrativa que o conhecedor não duvida.

Nesse texto ficcional, encontramos ouvintes do Evangelho de Marcos propondo uma interpretação improvável e suspeita. Fiquemos detidos nas pistas instituídas por Borges que explicitam certo jogo interpretativo que culmina numa leitura estrangeira.

Existe no conto uma preocupação em se descrever certo exotismo de hábitos nos Gutre, pontua-se um estrangeirismo cultural. Eles caracterizavam-se por falar pouco, por ter difícil diálogo, pouca memória e conceito vago de datas. Continuemos com as descrições:

[Espinosa] Explorando a casa, sempre cercada pelas águas, deu com uma Bíblia em inglês. Nas páginas finais os Guthrie - era este seu nome verdadeiro - haviam escrito sua história. Eram oriundos de Inverness, chegaram a este continente, sem dúvida como peões, em princípios do século XIX e tinham acasalado com índios. A crônica cessava em mil oitocentos e setenta e tantos; já não sabiam escrever. Depois de umas poucas gerações, haviam esquecido o inglês; o castelhano, quando Espinosa os conheceu, dava-lhes trabalho. Careciam de fé, mas em seu sangue perduravam, como rastos obscuros, o duro fanatismo do calvinista e as superstições dos pampas. Espinosa falou-lhes de sua descoberta e eles quase não o escutaram. (Ibid., p.479-480)

Borges começa a dar forma ao que se construirá, enquanto questão, pouco a pouco na narrativa: Seriam as superstições e o duro fanatismo a levarem os Gutre a uma interpretação radical das escrituras? Seria certa rusticidade ou o longo distanciamento das letras que provocaria uma reação, nos termos de Eco, paranoica?

[Espinosa] Surpreendeu-se de que o escutassem com atenção e depois com silencioso interesse. Talvez a presença das letras de ouro da capa lhe desse mais autoridade. Trazem isso no sangue, pensou. Também lhe ocorreu que os homens, ao longo do tempo, têm repetido sempre duas histórias: a de um barco perdido que procura pelos mares mediterrâneos uma ilha amada e a de um deus que se faz crucificar no Gólgota. Lembrou-se das aulas de oratória em Ramos Mejía e ficava de pé para pregar as parábolas. (Ibid., p. 480)

No ensaio “Os quatro ciclos” (1999, p.542), Borges afirma que quatro são as histórias que se repetem: a primeira é de “uma forte cidade cercada e defendida por homens valentes” (aqui estariam batalhas, Helenas, cavalos ocos...); a segunda é a de um regresso a uma eterna Ítaca, desejada e sem prodígios; a terceira é a de uma busca (desde Jasão ou Velocino a James ou Kafka); a quarta é a do sacrifício de um Deus. Emaranhado nesses enredos o homem construiria narrativas de si, do mundo; envolvido naquilo que em Borges aparece como *eternos retornos* ou *tempo circular*. “O Evangelho segundo São Marcos” vai se configurando, então, testemunha desse abismo repetido, em que apenas um homem parece ter nascido e morrido na terra.

“O Evangelho segundo São Marcos” ao corporificar a história de um sacrifício, surpreende: perceber num jovem e moderno universitário um Cristo! Perguntamos quais são no conto as pistas que levaram a tal interpretação.

No fragmento acima citado, vemos um sinal do corpo emitido por Espinosa – “e ficava de pé para pregar as parábolas”. Percebamos que o ato de ficar de pé somado a eloquência da oratória e a ausência de práticas de leitura pelos Gutre enfraquecem as marcas de que há ali um leitor que profere as palavras escritas. Para eles, mais do que isso, há alguém que “prega as parábolas”, não apenas verbalmente, mas performaticamente.

Os Gutre repetiram o reconhecimento dos seguidores de Cristo ao verem um “novo ensino com autoridade” (Marcos 1, v.27), pois enxergaram um “dito em *performance*”. Vários outros acontecimentos vão tecendo uma leitura estrangeira: Espinosa, ao valer-se de medicamentos para “curar” uma ovelha, parece agir semelhantemente às muitas narrativas

bíblicas no próprio Evangelho de Marcos em que Cristo curou leprosos, paralíticos, o cego em Betsaida, o cego Bartimeu, dentre outros.

Uma ovelhinha que a moça mimava e adornava com uma fitinha azul celeste machucou-se em uma cerca de arame farpado. Para estancar o sangue, queriam colocar-lhe uma teia de aranha; Espinosa curou-a com algumas pastilhas. A gratidão que essa cura despertou não deixou de assombrá-lo. (Ibid., p. 480)

Interessante pontuar que no texto repetidamente ouvido pelos Gutre existe a metáfora da ovelha tão ecoada no cristianismo – “Quando Jesus saiu do barco e viu uma grande multidão, teve compaixão deles, porque eram ovelhas sem pastor” (Marcos 6, v.34). Imbricadas, então, estariam ovelhas e pessoas. “Curar” pessoas ou animais aparece como uma chave que vai desencadeando interpretações (paranoicas?) no conto borgiano.

No capítulo “Superinterpretando textos”, em meio a calorosas críticas, Umberto Eco preocupa-se em delimitar certos nortes para esclarecer o que seria uma má interpretação. Afirma, então, que o esquecimento do *critério de economia* ou *simplicidade* revela interpretações paranoicas. Sinaliza com isso a importância de não se cair numa deriva interpretativa, em tempos em que a corrente da desconstrução apregoava a validade de qualquer interpretação.

Como exemplo de má interpretação, cita: a obsessão de se encontrar significados por detrás de significados criou determinados “seguidores do véu” - aqueles que buscam um sentido maior e secreto atrás de textualidades e se perdem em devaneios. Historicamente, Eco associa esse nome a um movimento, iniciado a partir da segunda metade do século XIX, em que muitos críticos leram obsessivamente a obra de Dante com a finalidade de descobrir nela uma mensagem oculta. (ECO, 2012, p.63).

Consideramos que essas práticas tidas como interpretações equivocadas podem promover o estranhamento (pelo absurdo que propõem); mas também podem explicar como estamos acostumados a (não) interpretar ou como a crítica julga que (não) devemos interpretar e com isso trazer contribuições para esse tão discutido campo teórico.

Segundo Umberto Eco, “num universo dominado pela lógica da similaridade (e da simpatia cósmica), o intérprete tem o direito e o dever de suspeitar que aquilo que acreditava ser o significado de um signo seja de fato o signo de um outro significado.” (ECO, 2012, p.55).

Nesse caso, um sistema (de alusão/inferência, de causa/consequência) é maquinado de tal forma a tornar plausíveis pistas que não teriam ligação alguma.

Continuemos com as reflexões de Eco:

[À]s vezes duas coisas são semelhantes por seu comportamento, às vezes por sua forma, às vezes pelo fato de terem aparecido juntas num certo contexto. Desde que se consiga estabelecer algum tipo de relação, o critério não importa. Depois que o mecanismo da analogia se põe em movimento, não há garantia de que vá parar. A imagem, o conceito, a verdade descoberta sob o véu da semelhança, será vista, por sua vez, como um sigo de outra transferência analógica. Toda vez que a pessoa acha que descobriu uma similaridade, esta sugere outra similaridade, numa sucessão interminável. (ECO, 2012, p.55)

Quando denuncia esse movimento interminável de analogias por similaridades, Eco objetivava criticar uma interpretação paranoica de Rossetti que insistia em ver um Dante maçônico, templário, membro da Fraternidade da Rosa-Cruz; sem se ater que historicamente a Maçonaria é posterior a Dante. Daí uma incoerência legitimada por falsos mecanismos interpretativos, por inconsequentes critérios.

Quanto ao Paradigma da similaridade, o diálogo se dá entre Eco e Foucault, pois ambos se interessaram pelo estudo sobre a semiótica hermética. Foi no hermetismo da Renascença em que se procuravam “sinais” ou “pistas” que pudessem revelar segredos ocultos. Dessa prática, nasceu a crença de que a orquídea poderia ter relação com o aparelho reprodutor, apenas observando suas formas semelhantes, para citar um exemplo. Confundia-se relação morfológica com relação causal. A discussão de Eco, porquanto, girou em torno de mostrar que essa obsessão renascentista ainda podia ser encontrada em seu tempo em algumas interpretações textuais.

Para o semiólogo, quando interpretamos um texto, precisamos acionar certos mecanismos, precisamos saber distinguir similaridades relevantes e significativas, por um lado, de similaridades fortuitas e ilusórias, por outro (2012, p.56). Parece que os Gutre fabricados por Borges, enquanto interpretadores desconheciam esse princípio. Pois, o escritor argentino ao fabular um Espinosa com 33 anos (idade de morte de Cristo, segundo a tradição) que sempre reza o pai-nosso (oração ensinada por Cristo), concomitantemente, criou personagens que levaram até as últimas consequências essas características e determinados acontecimentos como símbolos de outra verdade mais profunda e mística. Esse perder-se em

similaridades acidentais e imaginárias gera, por meio de Borges, reflexões sobre certos movimentos interpretativos.

Preocupado em balizar critérios que revelem interpretações sãs, Eco descreve três condições em que um *indício* poderia ser considerado um *signo de uma outra coisa*: “quando não se pode ser explicado de maneira mais econômica; quando aponta para uma única causa (ou uma quantidade limitada de causas possíveis) e não passa um número indeterminado de causas diferentes; e quando se encaixa com outro indício” (2012, p.57).

Foi pela ambição por métodos de interpretação e pelas muitas ponderações nessa área que Eco cunhou terminologias (*coerência interna do texto*, *leitor-modelo*, *autor-modelo*, *superinterpretação*) e ampliou os estudos na Semiótica, tentando explicar ou referendar determinadas leituras. Questionamos se esse movimento seria uma tentativa um tanto vã de silenciar certa multiplicidade de interpretações estrangeiras.

Refutando a teoria da “coerência interna do texto” de Umberto Eco, em “História Palimpsesta”, Rorty defende:

Para nós, pragmatistas, a noção de que há algo sobre o que um determinado texto realmente é, algo que a aplicação rigorosa de um método irá revelar, é tão errada quanto à ideia aristotélica de que há algo que uma substância é realmente, intrinsecamente, acidentalmente, relacionalmente (...) Nenhum conhecimento nos diz nada sobre a natureza dos textos ou a natureza da leitura. Pois nenhum dos dois tem uma natureza. (RORTY, 2012, p.121)

Nesse caminho, os textos seriam feitos à medida que são interpretados, daí ser um problema reconhecer uma coerência interna preexistente, segundo Rorty.

Convém, ainda, lançar luz sobre um aspecto interessante do conto “Evangelho segundo São Marcos”: as similaridades construídas pelos Gutre são expostas de que forma? Por meio de argumentos lógicos? Por meio da defesa de uma tese? Durante uma discussão após seu jantar? Não. Os Grutre, personagens borgianos (e aqui deveríamos nos deter, porque quem os imagina é Borges, um pensador interessado em questionar o império da lógica) interpretam e agem – como se assim anunciassem que “entender” ou “interpretar” é mais do que gerar uma “entidade mental” que se pode descrever ou que se pode defender; é produzir uma reação. Analisemos mais um fragmento:

[...] agora, ausente o patrão, ele [Espinosa] tomara seu lugar e dava ordens tímidas, que eram imediatamente acatadas. Os Gutre o seguiam pelos aposentos e pelo corredor, como se andassem perdidos. Enquanto lia, notou que retiravam as

migalhas que ele deixara sobre a mesa. Uma tarde surpreendeu-os falando dele com respeito e poucas palavras. (BORGES, 1999, p.480)

Esse silêncio dos Gutre é implodido por ações. Pois, eles passam a agir como se discípulos fossem de Espinosa, por isso, obedecem-no, seguem-no. Ao falarem sobre ele, mantêm o respeito e poucas palavras. No texto bíblico lido por Espinosa, há várias passagens em que Jesus pede que não dissessem quem ele era. Logo, é possível que Borges tenha fabulado um mesmo comportamento nos Gutre - porque interpretaram que do entendimento de que estavam frente a um messias não deveriam muito falar. O detalhe das “migalhas” também seria fruto de um método obsessivo de interpretação. Pois, temos a reprodução do comportamento da mulher siro-fenícia narrada em Marcos, capítulo 7, v.24-30.

O diálogo, no referido trecho, se constrói ao redor do pedido de uma mulher não-judia (gentia) que esperava um milagre para sua filha. Segundo certa tradição bíblica, o Evangelho deveria ser expandido primeiramente entre os judeus, para somente depois alcançar os gentios. Então, temos como resposta ao pedido de cura: “Deixe que primeiro os filhos comam até se fartar; pois não é correto tirar o pão dos filhos e lançá-los aos cachorrinhos”. A mulher argumenta dizendo “Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças.” (Marcos 7, v.27-28). Nesse contexto, as metáforas *cachorrinho*, *pão*, *migalhas*, *filhos* reforçam certo falar figurativo muito empregado nas parábolas cristãs. Os Gutre, entretanto, não percebem esse jogo metafórico e leem literalmente o recolher migalhas.

Da inabilidade para entender metáforas, da busca incessante pelo significado atrás do significado, nasce, por fim, a crucificação de Espinosa no conto borgiano. Ele deveria ser crucificado, porque “Cristo se deixara matar para salvar todos os homens”, inclusive os que lhe cravaram os cravos.

Aqui, lembramos mais um fragmento para tecer ponte entre o conto “Evangelho Segundo São Marcos” e o texto bíblico “Marcos”. Pois, em ambos os casos, o binômio metáfora/literalidade não é facilmente percebido. Em Marcos 8. v.14-21, há uma narrativa em que os discípulos não entendem o sentido figurado utilizado por Cristo. Ele havia dito “Estejam atentos e tenham cuidado com o fermento dos fariseus e com o fermento de Herodes”. E eles discutiam entre si, dizendo: “É porque não temos pão”. Desse mal entendido, surgem as indagações: “Por que vocês estão discutindo sobre não terem pão? Ainda não

compreendem nem percebem? O coração de vocês está endurecido? Vocês têm olhos, mas não veem? Têm ouvidos, mas não ouvem?”

Dura crítica, então, é criada a partir da não-interpretação simbólica. Fermento ali não poderia ser entendido literalmente. Mesmo conhecimento figurativo é esperado diante das muitas parábolas que permeiam o livro bíblico. Há quase que uma defesa do ensino por meio de metáforas; para exemplificar: lá estão as parábolas da Semente, do Grão de Mostarda, dos Lavradores.

Sobre isso, Borges também escreveu:

No caso de Cristo, ele pensava por meio de parábolas, ou seja, Cristo tinha um modo especial de pensamento. Que estranho: quem parece não ter reparado nisso em nenhum momento é Milton (...) como disse Pope, Milton faz com que Jesus e Satanás falem como dois escolásticos. (BORGES, 2009, p.145).

Borges ao fabular um conto que sugere reflexões sobre o símbolo, o signo, o interpretar; provoca escolhendo “Baltasar Espinosa” como nome próprio do personagem crucificado. Baltasar Espinosa alude ou sentencia Baruch Espinosa? O filósofo do século XVII, que escreveu, dentre outras importantes obras, “Ética” e “Tratado Teológico-político”, também influenciou a poética e os escritos de Borges, tendo sido citado diversas vezes, por ele.

Aquele Baltasar Espinosa, em Borges, acena para o filósofo Espinosa que desenvolveu um método histórico-científico para interpretar a Bíblia e mostrar que nas Sagradas Escrituras não há verdades, mas sim preceitos morais e políticos (CHAUÍ, 1983, p.XII). Em meio a ironias, Borges forja um personagem que morre como consequência de uma forasteira leitura, tendo o mesmo nome de um filósofo que se preocupou em criticar a superstição em todas as suas formas (religiosa, política e filosófica). Pois, entendia que “a superstição é uma paixão negativa nascida da imaginação que, impotente para compreender as leis necessárias do universo, oscila entre o medo dos males e a esperança dos bens.” (Ibid., p. XI).

Borges propõe em sua ficção um interesse aristotélico, viquiniano, agostiniano, saussuriano. A questão do signo, da metáfora, da interpretação. Os personagens Gutre entendem que devem abrir um mecanismo de “decifração de códigos” em meio a compreensão ou para que ela se dê. Por ser inusitada uma interpretação tão estrangeira de

ver Cristo em Espinosa, temos espaço para pensar na estranheza em se convencionar certos simbolismos e não-simbolismos.

Mais do que fazer uma análise prescritiva do que seria considerada uma boa ou má interpretação em termos de *superinterpretação*, buscamos pensar nos mecanismos ou *affectos* envolvidos no ato de interpretar. Fomentamos, ainda, as perguntas: com este conto, estaria Borges rindo do discurso religioso que espera de seus seguidores, obediência irrefletida? Interessaria pensar numa relação com a linguagem que não abarca a compreensão do binômio literal/metafórico? Queria Borges chamar a atenção para forma como (não) interpretamos? As reflexões multiplicam-se.

O que fazemos quando interpretamos?

O que temos nas leituras que fazemos de textualidades? Contragolpes? Reações performáticas? Questões?

Por que nos surpreendemos com a interpretação dos Gutre forjada por Borges? Por um lado, consideramo-la paranoica, porque não houve diferença do que seriam similaridades importantes das comumente consideradas supérfluas; por outro lado, não existiu diferenciação entre o que seria literal ou metafórico. Ou ainda, porque esses personagens borgianos não entenderam em que momento deveriam interpretar buscando outro sentido (mais oculto, mais figurativo) e quando isso não deveria ser feito.

Mas, essas respostas que explicam certo assombro geram também perguntas. Como separar a linguagem em literal e metafórico? Que legislador poderia cancelar a correta interpretação? Quando e em que medida buscar sentidos ocultos? É possível pensar em sentido superficial e sentido profundo? Como parar um entendimento imperativo gerado pela sugestão de um signo?

Se a interpretação de que Baltasar Espinosa era um messias que deveria ser crucificado é improvável e duvidosa; os mecanismos usados pelos Gutre, que justificariam tal interpretação, apontam para teses conhecidas na seara dos estudos semânticos – como a de que não existe a dicotomia metáfora e literalidade em termos simplórios, a de que as imagens superfície e fundo sugerem um pensamento estruturalista, a de que existem múltiplas

interpretações que se reconfiguram na interação com a história, o tempo, o espaço. Se sairmos do lugar em que entender um texto é criar conceitos (platônicos, atemporais, universais), entramos em outra zona menos familiar e confortável.

Sabe-se que em Eco a ideal compreensão de um texto, a que corresponderia a do leitor-modelo, é fazer as perguntas que possam encontrar suas respostas no próprio texto. Jonathan Culler, em outro sentido, defende o valor da *supracompreensão*, que consiste em fazer as perguntas que o texto parece não colocar a seu leitor-modelo – “Não perguntar o que a obra tem em mente, mas o que ela esquece, não o que ela diz, mas o que toma como ponto pacífico.” (CULLER, 2012, p.135).

Defendemos que mais do que entender o texto como destino, como alvo final; é interessante vê-lo como ponto de partida. Culler, para melhor compreender o complexo, mas íntimo, ato de interpretar, escreve: “se as interpretações forem extremas, terão maior possibilidade, parece-me, de esclarecer ligações ou implicações ainda não percebidas ou sobre as quais ainda não se refletiu, do que se tentarem manter-se ‘seguras’ ou ‘moderadas’” (Ibid., p.131). Nesse sentido, Borges contribui para dar voz a pontos complexos e obscuros no jogo interpretativo, porque fabrica interpretação extrema e produtiva que nos faz lembrar que sempre existirão novas possibilidades contextuais a serem apresentadas.

O significado de um texto pode ser limitado pelo contexto, mas esse é ilimitado. Os Gutre enquanto leitores carregam suas convenções culturais, sua história e seu pano de fundo linguístico que abrem certo abismo entre os personagens. A professora Maria Perla A. Morais ao analisar este conto afirma “algo da cultura latino-americana se mostra nesse ‘mal-entendido cultural’ entre os peões e o citadino. Ambos realizam uma tradução da narrativa bíblica, mas essa operação aponta para os conteúdos incomunicáveis entre os personagens do conto.” (MORAIS, 2013, p.4).

Sabemos que é característica borgiana não perseguir o novo; mas sim, a variação, a tradução, a reescritura. O autor argentino, que se interessa por manipular ou multiplicar contextos, ao pôr o texto bíblico Marcos diante de ouvintes não impregnados pela cultura ocidental cristã, provoca. Para continuar com as palavras da professora:

Tradição e modernidade se entrelaçam em uma Argentina em que vários tempos convivem a despeito de projetos de modernização, urbanização e europeização. A relação de Espinosa com os Gutre é uma alegoria do modo complexo como se relacionam esses tempos. (Ibid., p.5).

Preocupação semelhante com esse outro universo fabricado pelos leitores aparece em contos como o de “Pierre Menard, autor do Quixote”, no qual uma obra original é escrita, mesmo que se repita palavra por palavra de Dom Quixote; ao se deslocar o texto para outro lugar, para outro tempo. O novo Quixote, então, se daria pelos novos leitores.

Eneida Maria de Souza marca, ainda, a invenção ficcional borgiana, como sendo pautada pelo “desaparecimento (também ficcional) do sujeito/autor e do surgimento do fantasma da alteridade e do duplo.” (2011, p.91). Para, a seguir, cunhar: “O consagrado valor atribuído à obra de Borges se resumiria no desejo deliberado de se apropriar da cultura alheia como contraponto à afirmação de autoria e originalidade.” (2011, p.92). É no alheio, na relação com um estranho não-domesticado que Baltasar e os Gutre jogam, dão seus lances felizes ou infelizes.

Borges por meio dos Gutre, num movimento como de Bartleby em Melville, “cava, na língua própria, uma língua estrangeira”, uma vida diferente, já que explicita uma força de resistência contra certos modos de ver que apenas reproduzem. Em nossa sociedade, há ainda muitos vestígios de que quando interpretamos, buscamos um sentido homogêneo e pacífico que se configuraria numa chave verdadeira. Contra isso, Borges se colocava. Fiquemos com mais um princípio borgiano:

Nas lições de Borges para a literatura do presente – contaminada pela metaficção, pelo convívio estreito entre documento e ficção, teoria e ficção, verdades e mentiras, bartlebys e companhias – o que se propõe é a prática da irreverência diante de sua obra, da mesma forma que ele assim entendia a leitura da tradição. O mimetismo e a subserviência aos modelos não constroem boa literatura, pois a leitura dos clássicos e das tradições exige rupturas e clama por um diálogo impertinente com os precursores. (Ibid., p.99)

Considerações finais

A interpretação dos Gutre, posta em ação por Borges, pode ser analisada pelo viés da superinterpretação e ser tida como paranoica, se retomamos Umberto Eco. Mas, a leitura estrangeirista dos Gutre pontua também uma recusa ostensiva a determinados modelos; pois, abre caminhos para uma zona de indiscernibilidade, para uma desterritorialização da língua –

a não separação do metafórico e do literal, a problematização do signo, do figurativo, da interpretação.

Borges em “As versões Homéricas” profere que cada tradução é um lance experimental de ênfases e omissões e que não precisaríamos mudar de idiomas para perceber isso, já que esse jogo é possível no interior de uma mesma literatura (BORGES, 1999, v.1, p.255). Sobre a interpretação, portanto, o mesmo podemos dizer; pois, em certo sentido, ela se configura como tradução, já que a partir de cada leitor, nasce um novo mundo.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada* – nova versão internacional. Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2000.
- BORGES, Jorge Luis. (1899-1986). *Obras completas*. Volumes I e II. São Paulo: Globo, 1999.
- _____. *Sobre a filosofia e os outros diálogos*. São Paulo: Hedra, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. “Espinosa, vida e obra”. In: *Os pensadores - Espinosa*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, pp. V-XXII.
- CULLER, Jonathan. “Em defesa da superinterpretação”. In: ECO, Humberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ECO, Humberto. “Superinterpretando textos”. In: ECO, Humberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- MORAIS, Maria Perla Araújo. “A famigerada violência em Borges e Guimarães Rosa”. In: XIV Simpósio nacional de Letras e Linguística e IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2013, Uberlândia. ANAIS DO SILEL. Uberlândia: EDUFU, 2013. v. 3.
- RORTY, Richard. “A trajetória do pragmatista”. In: ECO, Humberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- SOUZA, Eneida Maria de. “A memória de Borges”. In: SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2011.

Recebido em 07 de julho de 2015
Aceite em 09 de setembro de 2015

Como citar este artigo:

CABRAL, Sabrina Alvernaz Silva. Um Evangelho Segundo Borges: Reflexões sobre (Super) Interpretação e Metáfora. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015. p.456-468. Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num21/estudos/Palimpsesto21estudos08.pdf> >. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507